



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXVIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS **SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2024**

A MORTE VIVIDA NO AXEXÊ: RESISTÊNCIA ÀS TRANSFORMAÇÕES **FÚNEBRES DA MODERNIDADE**

Victória Anthony da Silva Leal ¹; José Augusto Ramos Luz ²

1. Bolsista – PIBIC-Af/CNPq, Graduando em Licenciatura em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: vhleal12@gmail.com
2. Orientador, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: joseaugusto@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Candomblé, Cultura, Morte.

INTRODUÇÃO

As atitudes diante da morte, ao existirem de maneiras cultural e historicamente situadas (Reis, 1991), perpassam pelas mesmas problemáticas que as outras expressões culturais e divergem regional e temporalmente. No entanto, não há publicações numerosas a respeito do tema no Brasil (*ibidem.*). Edgar Morin (1997, p. 13) aponta, inclusive, que:

As ciências do homem negligenciam sempre a morte. Contentam-se em reconhecer o homem pela ferramenta (*homo faber*), pelo cérebro (*homo sapiens*), pela linguagem (*homo loquax*). No entanto, a espécie humana é a única para qual a morte está presente ao longo da vida, a única a acompanhar a morte com um ritual funerário, a única a crer na sobrevivência ou no renascimento dos mortos.

As transformações culturais frente a morte são lentas e passam por alguns períodos de imobilidade (Ariès, 2012). No entanto, a modernidade ocidental trouxe consigo uma inversão macroscópica nas práticas e representações fúnebres (Reis, 1991; Morin, 1997; Ariès, 2012). O que Ariès (2012) chamou de “morte domesticada”, onde os mortos estavam integrados ao cotidiano e a comunidade se reunia para proporcioná-los uma “boa morte” — cumprimento dos ritos adequados, foi sendo substituída por uma “morte selvagem”, individualista, com cerimônias minimalistas e privadas, onde os mortos passaram a ser vistos como um tabu.

No candomblé, os rituais de morte aparentam contrastar fortemente da abordagem ocidental, que lida com a morte de forma apressada e privatizada (Barbosa, 2006). Este estudo se debruça, então, sobre o axexê, um ritual específico do candomblé que revela uma relação com a morte profundamente enraizada na ancestralidade e nos ciclos naturais, distinguindo-se da visão moderna ocidental. O axexê não apenas celebra a passagem do indivíduo, mas também reafirma a continuidade da vida na comunidade e da tradição espiritual, oferecendo uma perspectiva coletiva e ritualística da morte. A investigação dos aspectos afroreligiosos no recôncavo da Bahia é crucial para a valorização e expansão do conhecimento sobre os saberes tradicionais que compõem a herança cultural africana no Brasil. (Sacramento, 2018)

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

A cultura é, no ser humano, aquilo que o distancia do resto da natureza. Ela é historicamente construída e influenciada pelas condições materiais. Uma comunidade compartilha tanto bens materiais quanto simbólicos, que formam sua identidade coletiva. Ademais do lugar de pertencimento, a cultura é um campo de disputa — pela pretensão da hegemonia cultural de civilizações, grupos ou classes. A exemplo disso, o próprio termo era empregado somente ao se referir à arte e ciência das elites, faz pouco tempo que passou a incluir a cultura do povo e outros formatos, como folclore, práticas e artefatos (Burke, 2021). O afastamento entre cultura erudita e popular, contudo, não é visto por Burke (2021) como uma dicotomia completa, há pontos de interseção e outras repartições — geográficas, de gênero, de idade.

Para investigar essas dinâmicas sociais, esta pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, uma metodologia fundamentada na consulta e análise de materiais previamente elaborados. A pesquisa bibliográfica utiliza-se de livros, periódicos, teses e dissertações já publicadas que permitem o pesquisador a acessar informações consolidadas sobre o tema. A principal vantagem desse tipo de pesquisa reside na sua capacidade de permitir ao pesquisador examinar uma ampla gama de fenômenos, além dos limites que seriam impostos por uma investigação direta. Gil (2002, p. 45) destaca que “essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço”. Contudo, ele alerta para o risco de erros decorrentes de dados coletados ou processados de forma equivocada por fontes secundárias. Nesse sentido, “um trabalho fundamentado nessas fontes tenderá a reproduzir ou mesmo a ampliar esses erros” (Gil, 2002, p. 45). Para mitigar essa possibilidade, o pesquisador deve assegurar-se das condições em que os dados foram obtidos e analisar criticamente as informações, comparando fontes diversas para identificar incoerências ou contradições.

Assim, o processo de leitura para a construção da pesquisa bibliográfica envolve quatro etapas fundamentais: leitura exploratória, seletiva, analítica e interpretativa. Na leitura exploratória, busca-se uma visão geral das obras e sua relevância para a pesquisa. Na leitura seletiva, são selecionados os textos mais alinhados com os objetivos da investigação. A leitura analítica consiste em organizar e sintetizar as informações coletadas, estruturando-as de modo a contribuir para a resolução do problema investigado. Por fim, a leitura interpretativa estabelece conexões entre o que os autores afirmam, o problema de pesquisa e outros textos, permitindo ao pesquisador construir uma análise crítica e fundamentada.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

O Ocidente moderno introduziu uma transformação profunda nas práticas e representações fúnebres (REIS, 1991; MORIN, 1997; Ariès, 2012.). O que Ariès (2012) descreveu como a “morte domesticada”, em que os mortos eram integrados ao cotidiano e a comunidade se unia para proporcionar uma “boa morte” — cumprindo os ritos adequados —, foi gradualmente substituída por uma “morte selvagem”. A morte selvagem é marcada pelo individualismo, com cerimônias minimalistas e privadas, onde os mortos são vistos como tabu. A morte é negada e banida do cotidiano e os rituais fúnebres foram minimizados, com o objetivo de lidar rapidamente com aquilo que precisa ser esquecido (Barbosa, 2006). A morte, tutelada pela ciência médica e acompanhada de ritos fúnebres rápidos e impessoais, contrasta fortemente com a perspectiva do candomblé (*ibidem*).

O candomblé é uma religião que valoriza a vida em todos os seus aspectos, desde o mais amplo até os detalhes do cotidiano. Barbosa (2006) observa que no candomblé, “a vida concreta, do aqui e do agora”, é central. O ambiente onde o ser humano vive é considerado sagrado, e a presença dos orixás é sentida em todos os

aspectos da vida, desde os relacionamentos até o trabalho e a família. No candomblé, a vida e a morte estão juntas. Não se promete uma vida melhor depois da morte, mas sim uma vida com harmonia.

Nas religiões de matriz africana, a morte é entendida como uma passagem para o Orum — um estado espiritual (Teixeira, 2012). No entanto, para o candomblé, não há um retorno individual após a morte. O ser humano não é visto como um ente indivisível, como na concepção judaico-cristã, mas como composto por várias partes imateriais. O orí é a parte do ser que existe no presente e é destruído com o corpo, enquanto o egun, constituído da memória, é cultuado pela família, e o orixá é o antepassado remoto (Barbosa, 2006).

O axexê, ritual funerário fundamental nas tradições do candomblé, é um processo ritualístico profundamente enraizado na espiritualidade afro-brasileira. O rito não apenas marca o fim físico da vida do iniciado, mas também simboliza a ruptura completa de seus vínculos com o mundo material (Aiye) e a reintegração de suas partes espirituais ao cosmos coletivo. Durante os sete dias que perduram o axexê, as diversas práticas revelam a complexidade e a riqueza da cosmologia do candomblé.

Os objetos sagrados do falecido, como assentamentos, colares, roupas e outros adereços, são destruídos e despachados durante o axexê. Essa destruição dos objetos é um ato carregado de significado, simbolizando a ruptura dos laços de compromisso e a liberação das partes espirituais do indivíduo. Além de representar a reincorporação do axé — a energia vital que o iniciado possuía — ao potencial coletivo da comunidade, afirmando a função despersonalizadora da morte e seu papel na renovação espiritual (Prandi, 2000; Barbosa, 2006).

No axexê também se encerra a conexão entre indivíduo e seu orixá — a potência divina que protege e guia o iniciado. A dissolução desses laços marca o fim da posse pessoal sobre qualquer objeto ou espaço associado ao falecido. Nada mais pertence ao morto, e todos os laços materiais e espirituais são rompidos, permitindo que o “espírito” do iniciado siga em paz e sem ataduras (Barbosa, 2006);

Os orixás ainda desempenham papéis essenciais no rito funerário. Nanã, a “Senhora da Morte”, é responsável por receber e cuidar dos mortos, simbolizando a passagem e o ciclo de renovação com sua associação à terra e às águas paradas. Oyá (Iansã), mãe dos Eguns e guardiã dos cemitérios, controla e comanda os espíritos ancestrais durante o rito, garantindo a sua adequada orientação e transição. Omolu (Obaluaiê), orixá da doença e da cura, lidera os Eguns e é temido por sua relação com a morte e o renascimento, exercendo uma autoridade que reforça a regeneração espiritual do falecido e sua reintegração ao cosmos (Teixeira, 2012).

O rito do axexê, portanto, não apenas cumpre uma função ritualística de encerramento e transição, mas também reafirma as complexas relações entre os vivos e os mortos, entre o individual e o coletivo, e entre o material e o espiritual, no contexto da tradição do candomblé.

Apesar das influências da modernidade, o candomblé preserva suas tradições e compreende a morte como uma parte integral do sistema de trocas da vida. A morte, no contexto moderno, é frequentemente banalizada e despojada de sentido coletivo, enquanto no candomblé, é tratada como um evento social e coletivo, absorvido pelo grupo por meio de ritos específicos (Barbosa, 2006).

A diferença entre os rituais fúnebres modernos e os do candomblé é notável, principalmente em relação ao tempo dedicado às cerimônias e à vivência contínua do luto. Embora o axexê esteja se tornando mais raro e muitas vezes seja reservado para pessoas de alta hierarquia nas casas de santo, ele ainda representa uma importante prática de preservação das tradições e da conexão mítica entre vida e morte (Prandi, 2000; Barbosa, 2006). O axexê é essencial para a preservação das tradições do candomblé, servindo como um símbolo de resistência à abordagem moderna da morte e afirmando a continuidade de uma cosmovisão que vê a morte como uma parte integrante e sagrada da vida comunitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

Enquanto a modernidade ocidental tende a banalizar e privatizar a morte, despojando-a de seu significado comunitário, o Candomblé, por meio do axexê, oferece uma alternativa à “morte selvagem”, preservando-a como parte integrada e sagrada da vida. Nessa tradição, a morte não é vista como um fim abrupto, mas como uma continuidade na vida espiritual e comunitária. Apesar de sua crescente raridade e exclusividade hierárquica, o axexê permanece um elo vital para a preservação das tradições e da cosmovisão do Candomblé, resistindo às pressões da modernidade e reafirmando o papel sagrado da morte na vida. Através do axexê, o Candomblé não apenas celebra a passagem do indivíduo, mas também fortalece a coesão espiritual e cultural, perpetuando uma visão do mundo onde a morte é uma parte integral e sagrada da existência humana.

Este estudo contribui para a valorização e expansão do conhecimento sobre as tradições afro-brasileiras, sublinhando a importância de reconhecer e integrar essas práticas na construção de um entendimento mais amplo e inclusivo da morte e dos ritos funerários no Brasil. O estudo do axexê não só enriquece a compreensão dos rituais afro-brasileiros, mas também oferece uma perspectiva crítica sobre as transformações culturais frente à morte, ressaltando a importância de valorizar e preservar as práticas culturais tradicionais em um mundo cada vez mais globalizado e homogeneizado.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- TEIXEIRA, Luis. Os Orixás da Morte: análise do ritual Pamvu Nvumbi. Anais dos Simpósios da ABHR, [S. l.], v. 13, 2012. Disponível em: <https://revistaplura.emnuvens.com.br/anais/article/view/531>. Acesso em: 23 jun. 2024.
- BARBOSA, Dalva. **As escutas do filho de santo sobre a morte: entre o silêncio do ocidente moderno e a fala do candomblé**. 2006. 215 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) — Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2006.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** — 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: Entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa** — 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1997.
- PRANDI, Reginaldo. Conceitos de vida e morte no ritual do axexê: tradição e tendências recentes dos ritos funerários no candomblé. Faraimará — o caçador traz alegria: mãe Stella, 60 anos de iniciação. Tradução. Rio de Janeiro: Pallas, 2000.
- REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- SACRAMENTO, Darlei Ramos. **Candomblé e a morte: um estudo socioantropológico do culto aos Egúns em um terreiro de Santo Amaro-BA**. 2018. 18 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2018.
- VOVELLE, Michel. **Ideologias e mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 1991.